

SESSÃO: ARTIGOS

DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA INDÍGENA E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO ESCOLAR INDÍGENA - DISPOSITIVOS METODOLÓGICOS DA LICENCIATURA INTERCULTURAL EM EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA – LICEEI – UNEB

Kárpio Márcio de Siqueira *

RESUMO

O trabalho em referência traz o relato de experiência da aplicação de “Oficinas de Criação Literária Indígena” como um desdobramento possível no curso de Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena – LICEEI, bem como, quais os caminhos a serem trilhados entre a criação literária e a produção, do ponto de vista metodológico, em que identificamos ser possível a manutenção de “ Diálogos entre a Literatura Indígena e a Produção de Material Didático Escolar Indígena como dispositivos metodológicos da LICEEI – UNEB”. Desta forma, a tessitura desta exposição teve como objetivo apresentar a possibilidade de intercâmbio entre a ciência pedagógica e os saberes de grupos sociais indígenas, como elemento fundamental para o alcance de uma aprendizagem significativa e de qualidade, além de permitir visualizar a necessidade de se repensar práticas docentes herméticas e cristalizadas, sobre todos os vieses possíveis, sobretudo, quando se tratar de educação específica e diferenciada. Como objetivos específicos, elencamos: Criar material didático escolar indígena num contexto intercultural; Fomentar espaço de apreço e criação literária pelo viés da tradição indígena. Metodologicamente, pesquisa se pauta no aspecto qualitativo, pois, tendeu a revisar e compreender fenômenos de ensino e aprendizagem numa relação direta a diversidade cultural na Bahia-Brasil, e o recorte dado as informações trouxe para dentro texto dados de estudiosos de referência em temáticas da Literatura Indígena, GRAÚNA (2013); THIÉL (2012) e LIMA (2012), da Escola Indígena, as Diretrizes Nacionais da Educação Escolar Indígena (2012); BERGAMASCHI (2012), da escrita e cidadania, OLIVEIRA (2008); ALVES (2003); SOUZA (2003), e da Didática, HAYDDT (2012), alguns destes nomes, novos, porém, com um vasto estudo sobre as temáticas em pauta. Como estruturação do trabalho, apresentamo-lo dividido em 6 (seis) seções, da qual chamamos de diálogos, na tentativa de responder as reverberações possíveis dessa reconfiguração metodológica, a ver: 1. O papel da Literatura Indígena no Curso em pauta?; 2. Quais os mecanismos metodológicos que o professor de Literatura deve utilizar numa abordagem intercultural?; 3. A partir da criação de textos literários, quais os que puderam fortalecer a formação em educação escolar indígena?; 4. É possível desenvolver material específico e diferenciado a partir dos saberes (arcabouço cultural indígena) dos discentes?; 5. Quais as impressões dos discentes face a aplicação metodológica e os resultados? E 6. De que maneira atividade docente reconfigurou-se em um repensar de práticas docentes dentro de uma variante cultural contemporânea da educação? É salutar que diante de tais questionamentos, recorremos a validações científicas e técnicas para fortalecer as ideias apresentadas, bem como, tomamos empréstimos de textos dos próprios alunos para exemplificar de maneira material o processo de formação e seus multiplicativos, ao tempo, que recorreremos de maneira subversiva, ao uso de imagens, num diálogo híbrido, e, sobretudo contextual ao trabalho com povos indígenas, povos de imagens e de escrita.

Palavras-chave: Autoria indígena. Produção de Material Didático. LICEEI. Literatura Indígena. Educação Escolar Indígena.

*Doutorando em Ciências da Educação – Universidad Interamericana – Assunção – PY, Mestre em Crítica Cultural, Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, coordenador do Grupo de Pesquisa CNPq – Educação Contextualizada Aplicada à Produção de Materiais Didáticos, reside em Paulo Afonso- BA, Av. Beira Rio, 20, Jardim Bahia – 48.604-000, e-mail: karpio_siqueira@yahoo.com.br / kmsiqueira@uneb.br

ABSTRACT

The work in reference brings the experience report of the application of “Indigenous Literary Creation Workshops” as a possible development in the Intercultural Licentiate Degree in Indigenous School Education - LICEEI, as well as, what are the paths to be taken between literary creation and the production, from a methodological point of view, in which we identified that it is possible to maintain “Dialogues between Indigenous Literature and the Production of Indigenous School Teaching Material as methodological devices of LICEEI - UNEB”. In this way, the purpose of this exhibition was to present the possibility of an exchange between pedagogical science and the knowledge of indigenous social groups, as a fundamental element for achieving meaningful and quality learning, in addition to allowing the need to rethink the need to rethink hermetic and crystallized teaching practices, over all possible biases, especially when it comes to specific and differentiated education. As specific objectives, we list: Create indigenous school didactic material in an intercultural context; Foster space for appreciation and literary creation through the bias of the indigenous tradition. Methodologically, research is based on the qualitative aspect, since it tended to review and understand teaching and learning phenomena in a direct relationship to cultural diversity in Bahia-Brazil, and the cut given the information brought in data from reference scholars on thematic of Indigenous Literature, GRAÚNA (2013); THIÉL (2012) and LIMA (2012), from the Indigenous School, the National Guidelines for Indigenous School Education (2012); BERGAMASCHI (2012), writing and citizenship, OLIVEIRA (2008); ALVES (2003); SOUZA (2003), and Didactics, HAYDDT (2012),), some of these names, new, however, with a vast study on the themes in question. As a structuring of the work, we present it divided in 6 (six) sections, which we call dialogues, in an attempt to answer the possible reverberations of this methodological reconfiguration, to see: 1. The role of Indigenous Literature in the Course in question ?; 2. What are the methodological mechanisms that the Literature teacher should use in an intercultural approach ?; 3. From the creation of literary texts, which ones could strengthen the training in indigenous school education ?; 4. Is it possible to develop specific and differentiated material from the knowledge (indigenous cultural framework) of the students ?; 5. What are the students' impressions regarding the methodological application and the results? E 6. In what way has teaching activity been reconfigured in a rethinking of teaching practices within a contemporary cultural variant of education? It is salutary that in the face of such questions, we resort to scientific and technical validations to strengthen the ideas presented, as well as, we borrow texts from the students themselves to materially exemplify the training process and its multiplicatives, at the time, that we resort to in a way subversive, to the use of images, in a hybrid dialogue, and, above all, contextual to the work with indigenous peoples, peoples of images and writing.

Keywords: Indian authorship. Production of Teaching Material. LICEEI; Indigenous Literature. Indigenous School Education.

SABERES INTRODUTÓRIOS

O diálogo pedagógico em pauta versa sobre a possibilidade de, a partir das oficinas de criação literária desenvolvidas durante as aulas de “Literatura e Textualidades” e “Identidades e Literatura Indígena” do

curso de Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena - LICEEI ofertado pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB, produzir materiais didáticos diferenciados e específicos necessários para uma efetiva qualidade da educação escolar indígena, que já é

oferecida pelos professores em formação dentro das suas respectivas comunidades.

É importante destacar que os referidos componentes curriculares constituem-se de 45 horas cada um, ministrados de maneira modular, como orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (2012). Diante dessa constatação o texto se disponibilizará a fomentar questões acerca das condições epistemológicas entre o estudo do discurso literário e textualização identitária, da literatura indígena, e da produção de material didático específico e diferenciado para as escolas indígenas.

Nesse contexto marcaremos o nosso percurso textual na tentativa de revelar, a partir da experiência docente e seus respectivos mecanismos metodológicos, 6 (seis) diálogos que contribuíram para a consolidação de mecanismos de aprendizagem, de autoria literária e produção textual didática na perspectiva do sujeito indígena. Apresentamos, então, nossa primeira prosa:

Diálogo 01 – Qual o papel do ensino de Literatura no curso de Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena?

Antes de iniciarmos nosso diálogo acerca do ensino da Literatura no

contexto da LICEEI, recorreremos ao que prescreve “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica” (2012), do Título IV - Do Projeto Político-Pedagógico das Escolas Indígenas, na seção II que trata sobre a formação de professores indígenas, em seu artigo 19, no parágrafo 1º indica:

§ 1º Os professores indígenas, no cenário político e pedagógico, são importantes interlocutores nos processos de construção do diálogo intercultural, mediando e articulando os interesses de suas comunidades com os da sociedade em geral e com os de outros grupos particulares, promovendo a sistematização e organização de novos saberes e práticas. (CONSELHO NACIONAL ..., 2012, p. 10)

Nesse sentido do que orienta as DCNEEI, a atividade docente no contexto da formação de professores indígenas deve priorizar, antes de qualquer coisa, o arcabouço de identidade, cultura e tradição dos povos indígenas, e em se tratando dessa abordagem, a referida licenciatura tem povos no norte/oeste e sul da Bahia, o que implica num trabalho com a temática da interculturalidade entre as várias etnias, e entre estas e o entorno não indígena. A esse olhar, complementamos,

Algumas perguntas abrem reflexão: a escola indígena vem se constituindo como um lugar de **interculturalidade**? Como vem sendo repensada a escola nas sociedades não indígenas, constituídas na modernidade ocidental sobre a tríade conceitual branco-cristão-europeu, ao engendrar os primeiros movimentos para o reconhecimento das diferenças e a realização de um possível **diálogo**? E a universidade que por meio de pesquisas acadêmicas tem intensificado os estudos sobre a educação indígena, contribui para o **diálogo intercultural**? (BERGAMASCHI, 2012, p.43, grifo nosso)

No intuito de responder a estas e outras questões, entendemos que desde a sua inicial construção o projeto pedagógico da LICEEI teve um caráter comunitário (professores indígenas, alunos indígenas, lideranças, mais velhos, comunidade, representantes da Secretaria do Estado de Educação – BA , professores da UNEB e instituições parceiras) assim, nele é traduzido os anseios de uma escola que genuinamente subverte traços pertencentes a tríade “ branco-cristão-europeu”, numa perspectiva de dialogar com os saberes tradicionais, de ressignificar os espaços de aprendizagem, e trazer para o cerne de todo o percurso de formação dos professores indígenas, a

visão de interculturalidade como temática transversal do início à conclusão da licenciatura em pauta.

Com essa visão, o ensino da Literatura é o espaço da negociação de sentidos, da apropriação do elemento teórico ocidental, como um dispositivo de diálogo entre as ciências e os saberes tradicionais a favor da produção da literatura oral e escrita dos povos indígenas. Nesse escopo, podemos entender que o espaço do estudo da Literatura é também o espaço da observação, da identificação, da leitura intercultural e da redefinição de caminhos de criação e recriação literária que se transformarão em Patrimônio Cultural Imaterial e Material. Com a finalidade de entender a gestão metodológica dessa perspectiva, trazemos ao palco dessa discussão o 2º diálogo:

Diálogo 02 – Que mecanismos metodológicos o professor de Literatura deve utilizar para uma abordagem intercultural dentro da perspectiva da LICEEI?

Primeiramente, é intrínseca a qualquer professor que deseje participar de um curso de Licenciatura Intercultural Indígena, a apropriação do próprio Projeto Político Pedagógico do curso em

destaque, e das respectivas referências que orientam a construção e execução, com essa ideia, é vital que haja uma interiorização do docente acerca dos saberes tradicionais, aos modos de fazer, as expressões, os momentos de rituais, as narrativas orais, expressões corporais, toantes, e outras tradições.

Nesse circuito pensemos em diálogo com Regina Célia Cazaux Hayddt “[...] em decorrência dessa relação, o professor pode passar a conhecer novas formas de conceber o mundo que são diferentes da sua. Pode também rever comportamentos, ratificar e retificar opiniões, desfazer preconceitos, mudar atitudes, alterar posturas” (2008, p. 58).

A partir dessa confluência que coloca docentes e discentes num mesmo campo de entendimento e saberes, é salutar, primeiramente, sentir-se pronto para destruir muralhas que impessam o alargamento do conhecimento e emparedem os mecanismos de ensino-aprendizagem num contexto binário e excludente, pois, ao professor da supracitada licenciatura confere, também, o papel de negociador entre a ciência e os saberes tradicionais de cada povo indígena do projeto. Maria Aparecida Bergamaschi colabora,

[...] é preciso estudar o passado dos povos indígenas – e não povos do passado – adotando uma postura afirmativa diante de sociedades que têm histórias e passado próprios; no entanto, também partilham de história do país, inclusive no presente, por isso destaco a importância de considerar a contemporaneidade, a atualidade de cada um desses povos (2012, p. 62).

A partir da ideia de que é preciso compreender os povos indígenas no contexto em que se inserem, o componente curricular **Literatura e Textualidades** trouxe como foco a ementa, “Estudo dos elementos constitutivos do texto literário, sua linguagem, sua forma, sua classificação e apresentação, sua distribuição em gêneros, bem como seu transbordamento e rasuras.” (SIQUEIRA, 2013, p.1) que vislumbrava o primeiro contato com a teoria da literatura e de que maneira essa literatura poderia dialogar pelos múltiplos espaços de aprendizagem (rasuras) e o componente curricular **Identities e Literatura Indígena** que se desenvolveu pelo viés ementário, “Estuda as relações entre Literatura Indígena e os processos de construção de identidades socioculturais, considerando

textos orais e escritos, práticas e outras manifestações culturais.” (SIQUEIRA, 2013, p. 1) o qual intensificava as questões da rasura, agora, a partir de uma marca identitária mais efetiva.

Para a execução inicial dos componentes, a cada etapa/aula ministrada e respectivo conteúdo, era solicitado uma direta ligação destes ao fenômeno da produção literária de cada povo representado pelos discentes do curso da área de linguagens, nessa ótica, tivemos como marco metodológico proposto: exposição teórica ↔ ilustração literária e apreciação literária ↔ pontuação do diálogo da teoria com os saberes tradicionais indígenas ↔ identificação de expressões literárias indígenas em negociação com a abordagem teórica ↔ reelaboração dos conceitos teóricos a partir do diálogo intercultural.

Apropriando-nos do pensamento de Bergamaschi (2012, p.46) “[...] para entender cada cultura é necessário considerá-la na relação, observando como se apropria dos produtos materiais e simbólicos e os reinterpreta, como os processa e os absorve como os torna seus, mesmo que na origem não lhe pertençam.” , com essa reflexão, os

mecanismos metodológicos se perfizeram mutáveis, mesmo na identificação de uma eficiência no alcance dos resultados, essa “ negociação dos saberes” precisava de geração de produtos, pois, questões vinham à tona durante o processo de execução das aulas, tais como:

1. De que maneira esse cânone literário pode colaborar com a nossa prática em sala de aula de literatura? 2. E quando autores mesmo indígenas traduzem suas produções num ideário de identidade que não se compromete com a interculturalidade ou reforça, ainda mais, o estereótipo de um indígena exclusivamente da mata, dissociado do avanço da sociedade não-indígena? 3. Se somos índios do sertão e do sul da Bahia, onde nos encontramos nessa literatura indígena e não-indígena?

Estes questionamentos retornaram para os discentes como uma problemática:

Quem de fato pode escrever e se inscrever no universo da Literatura Indígena que possibilite, no ato de criação e recriação literária, a negação do estereótipo, a presença de identidades subjetivas e a regionalização dessa literatura?

Com essas ideias refletimos sobre a condução dos componentes de maneira a realçar essa necessidade, essa apropriação ou reapropriação do sentido do texto literário indígena, nesse caminho, entendemos que,

O contato como o universo literário e com (o) ou (os) ponto(s) de vista diverso(s) que ele transporta faculta um alargamento interior e a aquisição de novas capacidades de percepção do outro, gera consciência inclusiva. Consequentemente a experiência da literatura abre-nos para o diálogo intercultural, para o domínio da diversidade do humano, para o universal, mas um universal em que a humanidade permanece o centro (LIMA, 2015, p.133).

Na perspectiva de o sujeito indígena de identidade subjetiva vir a ser o centro dessa recriação e recondução literária para além das fronteiras das comunidades, percebemos que a apesar da oralização das narrativas indígenas, o alcance destas minimizava-se aos limites da própria comunidade, além de que, se submetiam a um conflito direto entre as tecnologias, a mídia e outras atividades de entretenimentos que faziam com que, mesmos as crianças e jovens demonstrasse pouco interesse nas sessões

de histórias orais, o que poderia com o tempo minimizar o registro de cada povo e sua história para as comunidades.

Diante de tal constatação, consideramos que a transcrição de narrativas do povo, a escrita de histórias em que cada um se inscreve e dos diálogos indígenas com os espaços não-indígenas seriam mais do que instrumentos de criação literária, estes se tornariam a materialização de vozes da terra com marcas de identidade, cultura e tradição próprias de cada povo.

Janice Thiel complementa que “outro elemento também relevante para discutir a questão da identidade é a relação do homem com o espaço. Esta não é mais de fixação, mas de circulação” (2012, p.122). Com essa ideia, os temas geradores de transcrição e escrita foram variados, entre eles: O indígena e sua história, A terra e o povo indígena, O indígena na sociedade intercultural, A escola indígena e o seu fazer educação diferenciado entre outros que marcam e marcaram a historicidade destes novos escritores.

Assim, remontamos o mecanismo metodológico para oficinas de criação literária, na percepção de Nelson de Oliveira ao dizer que “A maioria das definições em arte e literatura é restrita

demais, é sectária demais. [...] A melhor definição é a que não exclui nada que não deva ser excluído, é a que dá pouca liberdade para as exceções. (OLIVEIRA, 2008, p.19), com essa reflexão aliada ao pensamento de Nórís Eunice Wiener Pureza Duarte que fortalece o ato de “ Produzir textos verdadeiros, textos-discurso, de forma que se evidencie a autoria da própria palavra e da mensagem veiculada, depende, em parte, da metodologia adotada pelo professor (DUARTE, 2003, p. 175). Com essa concepção, podemos entender a textualização como um instrumento de comunicação verbal, e a materialização do ato da fala (BAKHTIN, 2010).

Avançando no nosso percurso, apresentamos as oficinas de criação literária divididas em 6 tópicos : 1. Narrativas; 2. Toantes; 3. Cartas; 4. Poemas; 5. Receitas e 6. Ensaios (Textos de reflexão), que na sua execução adotavam o seguinte percurso: Exposição teórica e escrita do Gênero literário em produção ↔ Apresentação da proposta de criação literária ↔ identificação do gênero no fazer literário da comunidade escolar e como um todo ↔ negociação entre a teoria e escrita literária indígena ↔ produção de textos escritos.

Diante dessa abordagem metodológica os discentes ao receberem as propostas, tinham um tempo destinado para a produção, que poderiam ser desde as horas em sala de aula, ou nos momentos extras, deste modo, a experimentação do ato de criação/transcrição literária variou entre os novos escritores, como apresentamos nos diferentes momentos de produção das discentes/docentes indígenas Edivânia Batista Kiriri e Elaine Batista Kiriri.

Fotografia 1 – Discentes em momento de criação Literária



Fonte: UBUNTU

Fotografia 2 – Discentes em momento de transcrição digital



Fonte: UBUNTU

O que podemos perceber durante a execução da atividade dialogava com a ideia de que,

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo de mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (GRAÚNA, 2013, p. 15).

As oficinas de criação literária indígena revelaram talentos já existentes, assim como aciona Graça Graúna ao dizer que “se as narrativas míticas são para os povos indígenas uma forma de resistência, os poemas também o são, pois a poesia (na cosmovisão indígena) vem reafirmar a luta identitária, reafirmando laços de amor à terra” (2013, p.107). Nesse conjunto de ideias entre a prosa e poesia indígena, os sujeitos acionados avançaram do plano da transcrição para o plano da autoria própria, a exemplos dos alunos escritores, *América Jesuína da Cruz Batista Kiriri* já com uma vasta

produção poética, *Claudemir Jesus de Andrade Kiriri* com uma produção em prosa significativa e *Brazilice Ferreira dos Santos Kaimbé* com poemas de sua autoria e autoria coletiva.

Fotografia 3 – América Jesuína Kiriri



Fonte UBUNTU

De agora em diante, era possível mapear as potencialidades da escrita dos discentes e identificar os que mais produziam e/ou já tinham produções, que posteriormente suscitariam em publicações. Para estes discentes, “A linguagem, além de ser reveladora do sujeito, também faz parte da formação da consciência desse sujeito, uma vez que ela ocupa espaço privilegiado na constituição do psíquico, do social e da educação.” (ALVES, 2003, p.137) e com esse seguimento, identificamos a relação de Identidades e Literatura Indígena, na

própria constituição de textos representativos de povos indígenas em suas mais variadas especificidades de cada etnia, sobretudo, aqueles discentes destacados que englobam os índios do sertão da Bahia.

Fotografia 4 – Brazilice Ferreira Kaimbé



Fonte: UBUNTU

Podemos de certa forma, identificar que estes nomes seriam os primeiros discentes/escritores da terra, que demarcavam em seus textos ideias de identidade a partir da subjetividade do ser índio no sertão, foi possível, ainda, perceber que estávamos diante de uma produção que alavancava o processo de formação dos discentes/docentes indígenas para uma esfera ainda não alcançada por eles, o da autoria e produção de material didático. Trazemos com essa noção o diálogo 03:

Diálogo 03 – Quais as proposições de textos produzidos nas oficinas de criação literária que puderam contribuir para o fortalecimento e conhecimento da literatura indígena da Bahia?

Primeiramente, almejamos construir livros com os produtos textuais e destes, desdobramentos para a consolidação de uma educação intercultural indígena efetiva e de qualidade, destarte “a escola pode mudar a imagem da produção textual, oportunizando sérias reflexões acerca dos elementos que constituem esse processo”. (HEINING, 2003, p. 91) e, foi sob o desejo de fortalecer possibilidades de criação textual literária que possibilitamos uma produção que marcaria positivamente a educação dentro do cenário escolar destes sujeitos.

Socializamos como proposta a criação de alguns livros entre eles:

1. **Contos Indígenas, Narrativas históricas e/ou causos:** nesta produção os escritores poderiam fazer uma transcrição de narrativas orais do seu povo, sejam, de qualquer natureza, a exemplo de causos de amor, de luta, de humor, narrativas históricas entre outros;

2. Cantos Indígenas/Toantes:

durante esse processo de transcrição os discentes foram orientados a materializar as expressões musicais traduziam a identidade de cada povo, respeitando, certamente, as relações dos toantes com o “Sagrado”, o que conferiria a cada povo o limite da transcrição e escolha das músicas indígenas.

3. Contos Interculturais:

de cunho autobiográfico, foi sugerido aos alunos que criassem um personagem fictício ou utilizassem o seu nome indígena para apresentar uma situação de diálogo entre o universo social indígena e o não-indígena, poderia ser tematizado a partir de uma vivência pessoal positiva ou negativa.

4. **Ensaio:** para essa etapa de produção foi considerado a condição de reflexões sobre a Literatura Indígena na contemporaneidade e o processo de autoria indígena, este além de ser um espaço para a produção crítica de material, o fruto desta ação foi utilizado como elemento de coleta da percepção dos discentes/docentes indígenas no processo de criação literária e produção de material didático.

Destas proposições alcançamos a produção das três primeiras sugestões, sendo estando a última em fase de produção, pois requer um trabalho de tessitura entre os textos dos discentes/docentes e o do professor ministrante dos componentes, com alvo a uma publicação de cunho científico a cerca da autoria indígena e literatura, é importante ainda, figurar que a ação de pesquisa é vinculada ao Grupo de Pesquisa UBUNTU- Educação Contextualizada Aplicada à Produção de Material Didático, que tem duas linhas de pesquisa : 1. Educação, Diversidade e produção de material Didático; e linha 2. Linguagens, contexto cultural e produção de material didático, e em ambas, há projetos de produção de material didático específico e diferenciado, ao tempo, que como a literatura não está dissociada da educação intercultural indígena, desenvolvemos pauta de dois projetos de produção:

I- **Escrita da Terra** que como foco identificar, orientar, instrumentalizar os possíveis talentos nativos de cada povo indígena do sertão da Bahia, para a publicação de suas narrativas e poesias, de modo a construir

um cânone indígena regionalizado e identitário;

II – **Diversidade e Educação** que contempla os textos voltados especificamente para o uso didático, podendo dialogar com outras áreas do conhecimento, entretanto, sem sair do foco da produção específica de materiais didáticos que ainda não tem um empoderamento dentro das escolas para tratar de temas da diversidade cultural do nosso país, encaixando-se, perfeitamente, nesse escopo, a educação escolar intercultural indígena.

Figura 1 – Contos Indígenas dos Povos do sul da Bahia



Fonte: UBUNTU

Este livro traz as figurações identitárias dos povos do sul e extremo sul da Bahia, representado pelas etnias Pataxó e Tupinambá, é uma produção que envolve textos dialogando com a cultura

dos índios do litoral e traduzem suas marcas de tradição e fortalecimento da ideia de pertencimento ao ser índio na contemporaneidade.

Figura 2 – Contos Indígenas dos Povos do Sertão da Bahia



Fonte: UBUNTU

O livro traz a reunião de contos dos povos do Sertão da Bahia, com a participação de escritores/discentes/docentes indígenas das etnias Kaimbé, Kantaruré, Kiriri, Pankararé, Tuxá e Tumbalalá. A produção pode ser considerada mais do que uma simples compilações de textos, pois, nela se apresentam e representam tessituras identitárias específicas da cultura e tradição dos povos da terra do norte da Bahia.

Figura 3 – Livro Contos Interculturais Indígenas de Norte ao Sul da Bahia



Fonte: UBUNTU

Esta reunião de textos carrega produções dos novos escritores de norte ao sul da Bahia, com o agrupamento de tessituras literárias dos povos Kiriri, Kaimbé, Tuxá, Tumbalalá e Pataxó. No cerne contextual dos contos, há o entrecruzamento das diferentes culturas do nosso país, num diálogo nem sempre positivo com a tradição indígena, porém, são textos que reafirmam o lugar de identidade do índio da Bahia.

Ainda, com o impacto da produção deste material, houve alguns desdobramentos de produção, de ordem coletiva e individual, o que de agora em diante, caberá ao diálogo 04 trazer tais considerações:

Diálogo 04 - É possível desenvolver material didático específico e diferenciado a partir do arcabouço

dos saberes dos indígenas da Bahia?

As DCNEI trazem no título IV do Projeto Político Pedagógico das Escolas Indígenas, na seção II, dos professores indígenas: formação e profissionalização, e seu artigo 16 no parágrafo quarto o seguinte texto:

[...]

§ 4º A formação de professores indígenas deve estar voltada para a elaboração, o desenvolvimento e a avaliação de currículos e programas próprios, bem como a **produção de materiais didáticos específicos** e a utilização de metodologias adequadas de ensino e pesquisa (CONSELHO NACIONAL ..., 2012, p. 10, grifo nosso).

Com a prerrogativa de que o curso de formação deveria formar os discentes/docentes indígenas para uma docência proativa, sobretudo, no que se refere a configurar os próprios mecanismos de ensino e aprendizagem, e de produzir e/ou adaptar seus materiais didáticos ao contexto das escolas indígenas.

Avançamos na produção textual durante as oficinas, com a finalidade de transformar os textos construídos em tecidos de identidade e cultura em diálogo com a tradição das comunidades.

Logo, a partir destas concepções, e como propostas desafiadora, alguns alunos se disponibilizaram a ceder seus textos para produção coletiva de materiais didáticos, e ou como texto de referência ao tratamento do tema educação e identidade indígena, além disso, entre os resultados podemos, ainda destacar, a produção do livro “ Oficina de Produção de Material Didático para as Escolas Indígenas” de autoria do professor Kárpio Márcio de Siqueira. Vejamos:

Figura 4 – Livro Oficina de produção de Material Didático para a Educação Indígena



Fonte: UBUNTU

O livro dividido em cinco capítulos marca uma reflexão teoria prática, reunindo informações sobre os marcos discursivos em práticas nas comunidades indígenas, seus desdobramentos em figurações identitárias e como o gênero discursivo pode se materializar em texto didático, por fim a obra traz cinco sugestões de oficinas para produção de

material didático para as escolas indígenas.

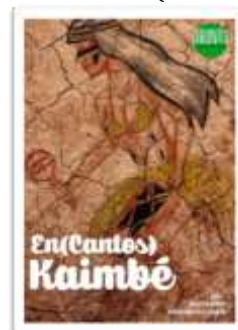
Figura 5 – Livro Dez Lições da Poesia Kiriri – Uma Proposta de Educação Intercultural Indígena



Fonte: UBUNTU

Livro escrito a duas mãos, ele é o resultado da aplicação dos eixos temáticos da matriz de educação indígena do Estado da Bahia a textos literários com a intenção de recortar a partir da literatura indígena de América Jesuína da Cruz Batista, imagens de lutas, territorialidade, identidade indígena, ética indígena, entre outros temas afins, num diálogo entre a Literatura e outras áreas do conhecimento.

Figura 6 – Livro Em (cantos) Kaimbé



Fonte: UBUNTU

Este livro é a reunião de textos selecionados, de alunos e professores indígenas Kaimbé e de própria autoria da escritora Brazilice Kaimbé, organizados com a finalidade de sob eles ocorrem propostas de atividades para sala de aula, considerando os eixos das matrizes da educação escolar indígena do estado da Bahia.

Em conformidade com a proposta pedagógica do curso, das ementas e dos mecanismos metodológicos cambiantes que versaram essa proposta docente aliado a pesquisa e extensão, é importante destacar que os resultados desse inventário didático, foram analisados a partir do próprio elemento pauta desta ação didática - o texto reflexivo, assim, traremos no diálogo 05 recortes destas considerações.

Saberes em diálogo 05 – Quais as impressões dos discentes/docentes indígenas no processo de escrita literária e autoria de material didático?

Como citado anteriormente, iremos tomar empréstimos dos textos de autoria de duas discentes/docentes indígenas sobre o questionamento em

realce, primeiramente, Rosivânia Cruz de Araújo Tuxá (2016, p.1) reflete que,

[...] é de suma importância registrar os contos, lendas e mitos que compõem o acervo cultural dos povos indígena, possibilitando o conhecimento do universo lingüístico de cada comunidade, procurando integrar a cultura indígena e sua diversidade no contexto literário brasileiro, no qual a tradição de textos orais tenha seu valor diante da nossa sociedade. E que estes registros sejam feito pelos próprios indígenas, ou seja, por àqueles verdadeiros conhecedores da história, são eles que têm autonomia para validar as informações que perpassam pelos espaços acadêmicos e escolares do Brasil.

Por vez, é pertinente questionar a noção de “literatura”, historicamente vinculada a textos de caráter elitista e considerar em pé de igualdade fenômenos e características das artes das tradições orais indígenas. As narrativas são transmitidas de geração em geração, dos mais velhos aos mais jovens através da fala. Assim, um dos objetivos das escolas indígenas é trabalhar com suas crianças e adolescentes essas histórias, contos e mitos na intenção de não deixar que a sua cultura, a expressividade e particularidade na maneira de narrar seus fatos históricos, míticos e lendários se percam no tempo.

Finalmente, o que queremos mostrar para a sociedade não indígena é a necessidade premente de conhecer o fantástico mundo das narrativas dos povos indígenas, seus significados e seus valores, bem como ainda refletirmos sobre as textualidades indígenas nos estudos literários brasileiros.

No indicativo da voz da discente, percebemos a necessidade de vivenciar a tradição indígena literária, sem sobrepor o texto escrito ao oral, ao tempo que as marcas discursivas apresentadas nessa tessitura demonstram uma preocupação com a identidade e inscrição do sujeito indígena dentro do seu contexto real, ou seja, dentro da sua comunidade, confluímos ao pensar de Rosivânia Tuxá as ideias postuladas por Graça Graúna sobre,

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo de mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (2013, p. 15).

Com essas premissas identificamos nas considerações tanto da escritora como da estudiosa a necessidade de, a partir, da escritura de textos contemporâneos, o autor indígena traga uma nova configuração ao fazer, reproduzir e manter a tradição literária de

seu tempo, contexto e tradição identitária cultural.

Para prosseguir com a validação do trabalho desenvolvido, ecoamos a voz de Adriana Pesca Pataxó (2016, p 1-2),

A partir dessa compreensão de literatura é que o sentido de autoria adentra também às nossas comunidades, numa perspectiva de que o autor/transcritor indígena é o verdadeiro construtor de uma literatura indígena, pois ele vive, sente e está inserido nesse contexto como um todo, tornando-se assim autor e protagonista dessas narrativas, não no sentido estrutural das narrativas, mas no sentido filosófico, ou seja, o autor é parte do que escreve. Por esse motivo é necessário que abracemos a escrita como algo importante em nosso meio, ainda que a oralidade mantenha seu lugar de destaque, visto que faz parte das características transcendentais do povo. A escrita é como a fotografia, tem o poder de registrar e guardar a passagem do que quer ser mostrado e compartilhado mesmo depois que aquele momento já passou, em outras palavras é memória registrada. Portanto, embora o valor da oralidade esteja impregnado em nossas memórias, a escrita é também um instrumento valioso, pois através dela será possível fazer com que as narrativas indígenas transformem-se em uma literatura indígena que possui o poder de estar em vários lugares ao mesmo tempo, dando a nós indígenas a possibilidade de fortalecer o nosso discurso.

Já a construção de material didático sempre se deu de forma coletiva durante os encontros de professores, no Magistério indígena e cursos de formação

continuada, sob a orientação dos professores e/ou mediadores, tornando-se um pontapé inicial para a existência desses materiais, embora ainda com pouco espaço e visibilidade.

A literatura indígena surge então como um elemento fruto da oralidade, mas que precisa fazer-se escrita, para que se revista de um novo olhar e uma nova perspectiva e passemos a falar a mesma língua do não índio, dessa vez, diferente da época da colonização, essas armas serão usadas a nosso favor. Usaremos a mesma arma, nesse caso a escrita, para mostrar que somos capazes de sermos autores de nossas próprias histórias e dizer que literatura indígena só pode ser concebida como tal a partir de literatos indígenas, e estes somos nós.

É possível apontar os elementos de destaque do texto da discente Adriana Barbosa Pesca Pataxó, ele vem recheado de questionamentos e revelações sobre o ato indígena de escrever, como essa escrita é subvertida em favor das comunidades, e como esse processo de tessitura literária pode ampliar as imagens indígenas a outros espaços não indígena e indígenas e ainda, desconstruir falas figurações do índio no Brasil. Dentro da fala da escritora consideremos que, “descobrir, como a própria palavra sugere, implica coragem, luta e paciência.

Muitas vezes a surpresa é agradável e o encontro muito melhor do que uma simples receita, pois apresenta a marca da individualidade” (HEINING, 2003, p. 91).

Essa marca da individualidade presente no empréstimo textual de discente/docente indígena Pataxó carrega reflexões de estudiosos da Literatura Indígena, a qual evocamos, novamente ao palco desta discussão,

[...] entendemos que o trabalho com a literatura indígena na área de educação indígena sugere uma tipologia de textos que comportam, em princípio, uma série de produção de textos culturais e textos literários de perfis mais “indianizado” que “Indigenizado”. Em geral, híbridos porque compreendem entre outras tarefas, a de historicizar na linguagem de hoje os saberes ancestrais. Esse recorte do híbrido na educação e na literatura não desqualifica o trabalho de educadores, nem a vocação enunciativa dos escritos nativos (filhos e filhas da terra) que a representam [...] (GRAÚNA, 2013, p.92).

O sentido ampliado pelo viés do trabalho com literatura indígena na área de educação, postulado por Graça Graúna dialoga e traz um parcial fechamento das possibilidades de produção de escrita literária e produção de material didático indígena, como instrumentos de igual

valor entre os variantes sócio interculturais, por trazerem em suas gêneses um modo próprio, místico e híbrido de apresentar suas próprias histórias, mantendo a chama da ancestralidade acesa e perpetuando o caráter da tradição cultural indígena. Com a ideia de fechamento desse relato de experiência, convidamos o último diálogo em pauta.

Diálogo 06 – De que maneira a atividade de “Oficina de Criação Literária no contexto Indígena” configurou-se e um repensar de práticas docentes dentro de uma variante cultural contemporânea da educação?

Podemos responder essa indagação, iniciando, pela revelação que nos é trazida, sobre o nosso modo de fazer educação e de montar uma proposta de ensino-aprendizagem, tal demonstração surge no diálogo que emana a partir das indagações do sujeito indígena, ao entender que tal proposição, em aplicação, pode contribuir de maneira mais substancial para a formação docente e para uma respectiva e efetiva aplicação no cenário de sua docência em sala de aula.

Deste modo, abrimos negociação de sentido, de certa forma, mais uma roda

de escuta para entender o que é de fato como se configura essa ideia de educação escolar indígena, para além dos papéis oficiais, para além das discussões em eventos, de fato, esse espaço de diálogo foi determinante para o aprimoramento da prática docente, pois, alimentou a proposta como algo mais vivencial, e assim, a deixou mais significativa para o contexto dos discentes indígenas e para o professor mediador dessa ação. Segundo Paladino e Czarny (2012, p. 20-21)

A temática dos conhecimentos indígenas é igualmente abordada em relação às tensões e conflitos gerados na hora de incorporá-los às instituições escolares, as quais se orientam pela lógica binária do pensamento ocidental (de base cartesiana). Nesse sentido, considerar o modo como a escola do século XX e XXI continua tipificando os conhecimentos sob os esquemas binários – abstrato *vs.* Concreto, local *vs.* Universal – perpetua a histórica exclusão do outro em nome do conhecimento científico universal.

A Contrariando essa lógica binária do pensar ciências na educação sob um prisma ocidental, pode trazer grandes problemas de assessoramento a diversidade em sala de aula, a negação do outro, também, se constitui quando o professor não possui um olhar cuidadoso ao universo contextual do seu aluno e suas interrelações, e em se tratando de

educação escolar indígena, essa necessidade é maior, porque esta ação educativa, nasce nos seios da comunidade de cada povo, de maneira comunitária, em que todos participam de um projeto de escola viva e significativa, um espaço de educação que completamente seus saberes, e sobretudo os respeite como cidadão de tradição e cultura próprias, mas não, menores ou maiores de que outros sujeitos sociais.

Com esse entendimento, a aplicação das Oficinas de Criação Literária no contexto dos sujeitos indígenas revelou mais do que uma simples atividade docente, ela, nos encaminhou a perceber, que há, sim, um interesse, uma necessidade e uma preocupação com a o registro da história dos povos indígenas, no entanto, nem sempre estes sujeitos estiveram no lugar de escritores com tamanha responsabilidade de inscrição de sua tradição, assim, Oliveira reforça que,

Todos querem escrever bem, mas poucos acreditam saber com exatidão o que é escrever bem. Isso mesmo. Pura insegurança: eles sabem, mesmo que de maneira intuitiva, o que é escrever bem, mas não acreditam que sabem. Ou pior: rejeitam o que sabem. A literatura às vezes é tão libertina e escatológica que boa parte dos candidatos a escritor não aceita o comportamento

obsceno dessa arte considerada em geral demasiadamente nobre e sagrada (OLIVEIRA, 2008, p. 17).

Subjugando esse distanciamento da escrita ou da escritura de um texto exato e perfeito, a ação docente foi reveladora de grandes e potenciais escritores, alguns já com uma trajetória de escrita, contudo, muitas vezes, ainda, silenciadas e/ou sem publicações, ao tempo que encontramos, também, outros novos escritores com um grande interesse em registrar do seu modo, tempo e contexto o saber ser índio, seus modos de fazer educação, sua identidade intercultural.

Destacamos, então, o pensamento de Bergamaschi para reforçar a nossa ideia inclusiva na reconfiguração da ação docente para um plano mais próximo dos anseios das comunidades escolares indígenas,

Reafirmo que os povos originários mostram interesse de que suas histórias e suas culturas estejam presentes em nossas escolas por meio de conteúdos e formas mais coerentes com seus modos de vida, a fim de que se constituam condições mínimas para uma relação respeitosa e para um verdadeiro diálogo intercultural (BERGAMASCHI, 2012, p. 64).

E é, sob esse endosso, que finalizamos a apresentação da nossa ideia

de reconfiguração de práticas docentes na formação de professores indígena, no entendimento que qualquer professor que desejar percorrer os caminhos de uma formação específica e diferenciada, este docente precisará se banhar no mar de contexto dos sujeitos em formação, só assim, é que estará pondo em prática um mecanismo metodológico coerente e fortalecedor de uma aprendizagem significativa e mais próxima da realidade dos sujeitos, neste cenário, os indígenas da Bahia.

SABERES CONCLUSIVOS

O trabalho com comunidades indígenas sugere um alargamento da visão de educação para além das muralhas impostas da nossa própria formação docente, é relevante que o professor formador compreenda que, nesta modalidade de educação, existe uma necessidade de diálogo, muito acirrada, há uma presentificação do desejo de aprender, sem desaprender, de conhecer, sem colocar no passado o seu presente e a sua história, e a necessidade de apropriar-se, com o intuito de contextualizar novos conhecimentos aos saberes da terra.

No que confere a estes saberes, o relato em pauta, trouxe a Literatura Indígena como marco dessa socialização, e como elemento central e material do desdobramento das ações discentes e docentes do curso de Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena – LICEEI, oferecido pela Universidade do Estado da Bahia, pioneira, nessa oferta.

Por conseguinte, a reconfiguração de uma proposta de trabalho com Literatura Indígena e Produção de Material Didático no curso em destaque, fomentou possibilidades de uma multiplicação de saberes científicos e tradicionais, trouxe o diálogo prescrito nas Diretrizes Nacionais para Educação Escolar Indígena (2012), e acima de tudo, provocou nos sujeitos o desejo de assumir a responsabilidade de escritores indígenas do seu tempo e da sua tradição vivencial.

Para finalizar, consideremos, que os resultados apresentados em forma de livros (materiais didáticos e ou técnicos) e as reflexões realizadas pelos discentes, em forma de produção textual, foram substanciais para que indiquemos tal reconfiguração de postura metodológica frente a cursos de educação diferenciados

e específicos e/ou outros de qualquer natureza, para que possamos ter sucesso em nossas atividades e alcançarmos objetivos mais concretos. Destarte, adentremos no mundo da (des)construção de realidades nem

sempre em diálogos ao universo contextual da docência, e nos permitamos ir para além do posto do já consagrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Clarice Vaz Peres. Aluno: produto discursivo das práticas escolares. (In) SOUZA, Osmar de; BOHN, Hilário I.(orgs). **Escrita e Cidadania**. Florianópolis: Insular, 2003.p. 137-151.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Interculturalidade nas práticas escolas indígena e não indígenas. (In) PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela (org). **Povos Indígenas e escolarização: discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 43 -72.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica**. RESOLUÇÃO Nº 5, DE 22 DE JUNHO DE 2012. Brasília, 2012. p. 1 - 13.

DUARTE, Nórís Eunice Wiener Pureza. A produção de textos antes e depois do contato com a cartilha: um caminho de volta. (In) SOUZA, Osmar de; BOHN, Hilário I.(orgs). **Escrita e Cidadania**. Florianópolis: Insular, 2003.p. 175-195.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

HAYDDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. E.ed. São Paulo: Ática, 2012. THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

HEINING, Otilia Lizete de Oliveira Martins. Quando produzir textos faz sentido para educador e educandos. (In) SOUZA, Osmar de; BOHN, Hilário I.(orgs). **Escrita e Cidadania**. Florianópolis: Insular, 2003.p. 89-111.

LIMA, Isabel Pires. Ensinar Literatura. Ensinar o diálogo intercultural (uma prática intelectual de resistência). (in) MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro. (orgs). **O Intelectual e o espaço público**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p- 123-136.

OLIVEIRA, Nelson de. **A Oficina de escritor: sobre ler, escrever e publicar.** – Cotia, SP: Atêlie Editorial, 2008.

PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela (org) . **Povos Indígenas e escolarização: discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PATAXÓ, Adriana Barbosa Pesca. **Ensaio: Literatura no contexto da comunidade indígena.** Salvador, 2p. Trabalho não publicado.

SIQUEIRA, Kárpio Márcio de. **Plano de Curso: Identidades e Literatura Indígena.** Salvador, 3 p. Trabalho não publicado

SIQUEIRA, Kárpio Márcio de. **Plano de Curso: Literatura e Textualidades.** Salvador, 2 p. Trabalho não publicado.

SOUZA, Osmar de; BOHN, Hilário I.(orgs). **Escrita e Cidadania.** Florianópolis: Insular, 2003

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

TUXÁ, Rosivânia Cruz de Araújo. **Ensaio: Literatura Indígena.** Salvador, 1p. Trabalho não publicado.